



GLOSSÁRIO

Este glossário é parte integrante da obra *Memórias de Antonio Somellera a bordo do corsário General Rondeau em 1828*, traduzido por Vagner Rigola.

A relação foi construída com base nas seguintes publicações:

Arte Naval Vol I e II, de Maurílio M. Fonseca, *Arte Naval Manobra de Buques*, de Alfredo Baistrocchi, *Arte Naval Moderna (Aparelho e Manobra dos Navios)*, de Rogério Castro e Silva, e *Dicionário Marítimo Brasileiro*, organizado pelo Barão de Angra. Os leitores sem familiaridade às terminologias de náutica e marinharia têm a opção de consultar o glossário adaptado nas edições impressa e digital da obra.

ALA

Em náutica, é uma pequena vela que, em bom tempo e quando o vento é de alheta ou de popa, soma-se à principal em um ou em ambos os bordos de modo a aumentar as superfícies sobre as quais o vento incide, aumentando a velocidade do navio. Ala de gávea, ala do traquete.

AMARRA

Corrente de ferro batido, formada de elos de figura elíptica, com travessão no sentido do eixo menor; serve para talinhar as âncoras e segurar o navio no fundeadouro.

AMURADA

Parte interna dos costados, mais comumente usada para indicar a parte interna da borda falsa.

AMURA

O mesmo que bochecha. É também uma direção qualquer entre a proa e o través (direção normal ao plano longitudinal do navio). Cabos que levam os punhos para frente.

ANTEPARAS

Divisões transversais ou longitudinais que separam os diversos compartimentos no interior do navio, cuja função pode ser delimitar espaços, fortalecer a estrutura ou garantir a estanqueidade de um compartimento.

APAGA-PENÓIS

Conjunto de cabos com que se atam ou recolhem as velas das gáveas.

APARELHO

Conjunto de peças necessárias para a segurança da mastreação e execução de manobras. Compreende os cabos, vergas, moitões e cadernais. Os cabos são fixos ou de laborar, daí a denominação aparelho fixo e aparelho de laborar.

ARRIBAR

Tornar ao porto de onde saiu, entrar no mais próximo, ou mais conveniente, não sendo àquele a que se destinava, para abrigar-se de temporal, abastecer-se, ou reparar quaisquer avarias. Desviar do rumo para sotavento.

BARLAVENTO

Lado de onde sopra o vento.

BARÔMETRO

Instrumento destinado a medir pressões atmosféricas.

BARQUINHA

Um dos mais antigos aparelhos que se conhece destinados a medir a velocidade de um navio ou embarcação. Atribuiu-se esta invenção ao português Bartolomeu Crescêncio no final do séc. XV ou princípio do séc. XVI. Trata-se de um setor circular de madeira preso por um cabo que, marcado com nós espaçadamente, deixa-se correr por um determinado período de tempo. Daí o nome de nó atribuído à unidade de velocidade de uma embarcação.

BITÁCULA

Caixa com cobertura de vidro, geralmente assente em coluna de madeira ou metal ante a roda do leme, onde se encontra a agulha de marear ou agulha magnética.

BOLINA

Cabo que se fixa no sapatilho da proa e amanta das testas das velas redondas. A bolina serve para chamar mais para vante a testa do pano a fim de que este receba melhor o vento. Também se dá o nome de bolinas a uma das pás que certas embarcações deitam a meio ou pelo lado de sotavento, a fim de não terem muito abatimento.

BOMBORDO

Parte esquerda, supondo-se que o observador esteja no plano diametral e olhando para a proa.

BORDADA

Caminho feito pelo navio sob uma das amuras quando navega à bolina. Diz-se ir de bordada quando o navio, prosseguindo na amura em que se acha, pode alcançar o rumo que demanda.

BORESTE

Parte direita, supondo-se que o observador esteja no plano diametral e olhando para a proa. Em Portugal se diz estibordo, em vez de boreste.

BRAÇA

Medida de comprimento empregada na marinha principalmente para marcar as sondas nas cartas hidrográficas. Braça portuguesa: 10 palmos, braça francesa: 5 pés, braça inglesa: 2 jardas.

BRACEAR

Mover as vergas no sentido horizontal.

BRANDAIS

Cabos que se encapelam nos calcezes dos mastaréis por cima das enxárcias em ajuda destas e descem até as mesas. Eles dividem-se em fixos e volantes, sendo que os fixos estão colocados por ante a ré da enxárcia real e tesam por meio de colhedores e os volantes tesam nas mesas por meio de talhas.

BRIGUE

Navio de dois mastros (traquete e grande) iguais aos da galera, com velas redondas e cestos de gávea. No mastro grande tem um latino grande auxiliar que se designa por vela ré.

BRIGUE-ESCUNA

Navio de dois mastros, sendo o de vante igual ao do brigue e o de ré igual ao de vante de uma escuna.

BUZINA

Amplificador de voz grande. Também o conduto de ferro, fixo no convés, por onde passa a amarra.

CABO DE PRESA

Chefe designado para conduzir um navio apresado até o destino desejado.

CAÇAR

Entrar com a escota da vela para aproveitar melhor o vento. Também significa seguir no encalço ou perseguir um navio que se quer capturar ou registrar (dar caça).

CÂMARA

Lugar no navio, no extremo de ré, reservado para o alojamento da pessoa mais graduada de bordo.

CAMAROTE

Divisões contendo beliches na praça d'armas e cobertas do navio, as quais se destinam ao alojamento dos oficiais.

CARREGAR VELA

Alar as carregadeiras a fim de abafar as velas de encontro aos mastros ou vergas para subtraí-las à ação do vento ou poder ferrá-las com facilidade.

CASTELO DE PROA

Superestrutura acima do convés principal localizada na parte extrema a frente de um navio.

CESTO DE GÁVEA

Plataforma assente horizontalmente nos vaus reais e enfiada no mastro real por uma abertura (casa do calcês). O cesto de gávea dispõe de uma espécie de varandim, guarnecido de corrimão e balaústres com uma rede ou sanefa de lona para resguardo da marinagem. Quando não era completamente redondo ou em forma de barril, a parte do cesto para vante era tradicionalmente arredondada (arco de gávea) e a parte voltada para a popa era reta (grinalda), perpendicular à direção da quilha. De cada lado do mastro real havia duas aberturas (claras de gávea) para dar passagem ao pessoal e aos cabos do aparelho. Nos navios mais modernos o cesto de gávea pode ter outros formatos. Nos veleiros, o cesto de gávea serve para dar espalho ao aparelho da mastreação que fica sobranceiro aos mastros reais e para guarda dos objetos necessários na mastreação alta. Há, em cada um dos três mastros, a contar de vante, um cesto de gávea denominado respectivamente do traquete, grande e da gata. Noutros navios esta estrutura serve de posto de vigia, de assento a projetores, telémetros etc. O cesto de gávea, por vezes designado simplificada e gávea, era o ponto de onde o gajeiro, nos antigos navios, primeiramente avistava terra.

CHIRIPÁ

Peça de vestuário de origem indígena. Surgiu antes da metade do século XVIII, sendo utilizado pelas tribos de índios cavaleiros, os Mbaías, Charruas, Minuanos, etc. Consistia, basicamente, numa grande tira de pano enrolada na cintura, como uma saia. Essa peça continuou a ser usada até o início do século XIX.

COBERTA

Espaço compreendido entre o primeiro e segundo pavimentos a contar do porão. As naus têm duas cobertas, uma guarnecida de artilharia e outra destinada ao alojamento da tripulação.

COBERTAS ABAIXO

diz-se que quem se encontra nos conveses cobertos, do convés principal para baixo, até o porão, está cobertas abaixo.

CONDESTÁVEL

Suboficial das brigadas de artilharia da armada.

CONSERVA

Navio que escolta ou protege outros navios. Ir ou navegar de conserva: navegar em companhia de um ou mais navios.

CONTRAMESTRE

Indivíduo imediato ao mestre, a quem substitui nas faltas e impedimentos. É também um suboficial ou sargento que usa um apito com cadarço preto e um cinturão com coldre e pistola, desempenhando a função de auxiliar do Oficial de Serviço.

CONVÉS

Pavimento mais próximo da borda e não mais alto que ela toma o nome de convés. Por cima dele pode haver outro de estrutura menos resistente, que se chama convés superior. A parte de ré do convés designa-se nos navios de guerra por tolda.

CORDAME

Conjunto de cordas que aparelham um navio ou que servem para manobrar qualquer máquina ou engenho.

CRONÔMETRO

Instrumento usado para determinar longitudes por meio de um relógio extremamente preciso. Quando desenvolvido no século XVIII, foi uma grande evolução técnica de seu gênero e de grande valia para o conhecimento acurado do tempo numa longa navegação. O primeiro medidor foi trabalho de John Harrison, que dedicou 31 anos da vida em experimentações e testes que vieram a revolucionar a navegação naval e posteriormente a aérea.

CRUZETA

Reforço lateral em forma de cruz fixada ao mastro onde se apóiam os brandais.

DESARVORAR

Perder mastros, mastaréis, vergas etc, por força do tempo, combate ou violência do mar.

ENXÁRCIAS

Grossos cabos que descendo dos calcetes até as mesas de um e outro bordo, onde se fazem fixos às bigotas, formam o Aparelho fixo do navio e aguentam os mastros e mastaréis. Cada um destes cabos chama-se ovém. As enxarcias recebem os nomes dos mastros e mastaréis a que são aplicadas.

ESCOTA

Cabo que serve para caçar ou folgar as velas.

ESCOTILHAS

Aberturas existentes nos pavimentos para passagem do pessoal e da carga ou para arejamento. Tomam o nome de escotilhões quando de pequenas dimensões e de agulheiros quando servem para a entrada do carvão nos paióis.

ESPIA

Nome que se dá a qualquer cabo que tem uma das extremidades fixa fora do navio para imprimir-lhe direção conveniente.

ESTADO-MAIOR

Órgão composto por oficiais, graduados ou mesmo civis – de informação, estudo, concepção e planejamento para apoio à decisão de um comandante militar. O objetivo principal de um Estado-Maior militar é providenciar um fluxo de informação bidireccional entre o comandante de

uma unidade e as suas subunidades. Eles são organizados em grupos funcionais como administração, pessoal, logística, operações, inteligência, treinamento etc.

ESTIBORDO

Lado direito do navio olhando da popa para a proa.

FAINA

Todo e qualquer trabalho de bordo, como mareação, baldeação etc.

FALUA

Embarcação de duas velas, para águas pouco profundas, habitualmente destinada mais ao transporte de mercadorias do que de pessoas, servindo muitas vezes no tráfego de alguns portos.

FALUCA

Embarcação ligeira de vela latina, tradicionalmente usada no Nilo e posteriormente vulgarizada na navegação mediterrânica. É também um tipo de embarcação ligeira marroquina, própria para navegação costeira.

FERRAR O VELAME

Recolhê-lo e amarrá-lo às vergas por meio de bichas ou tomadouros. Enrolar as velas dos terços até que fiquem completamente recolhidas e sem nenhuma ruga. Ferrar o pano.

FLAMEAR

Ação de agitar ou ondular uma vela, ou todas de um aparelho, pela incidência do vento.

FOGÃO

Cavidade junto ao ouvido onde se punha a pólvora para formar o rastilho da escorva nas antigas peças de artilharia e armas de fogo portáteis de pederneira.

FRAGATA

Era, no tempo da marinha de vela, um navio menor que a nau, mais ligeiro que ela, sem acastelamentos, armado em galera e com duas cobertas onde montavam entre 30 a 60 peças. Nas “fragatas ligeiras”, o número de peças não ia além de 44, e nas “fragatas de força” chegava a 60. A navegar em esquadra, os sinais eram repetidos por fragatas que seguiam em posições determinadas pelo comandante. Em combate, era sua principal obrigação socorrer os navios destroçados, rebocá-los para saírem do fogo, escoltar os brulotes, tomar conta e guarnecer os navios inimigos que se rendessem.

FUNDEAR

Largar a âncora até unhar no fundo.

GAJEIRO

Marinheiro (geralmente de classe superior) a quem está confiado o serviço ordinário de um mastro, das velas, vergas e mais aparelhos correspondentes. Sendo assim, há gajeiros do mastro grande, do traquete, da gata, etc.

GÁVEAS

Vela redonda de forma trapesoidal que enverga na verga do mesmo nome, e caça na vela grande. São elas: o velacho no mastro de proa, a gávea no mastro grande e a gata no mastro de ré.

GROG

Bebida alcoólica composta de água quente, aguardente ou rum, açúcar e casca de limão.

GUARDA-MARINHA

Patente existente nas forças navais de diversos países. Conforme o país, a patente pode pertencer à subcategoria dos oficiais subalternos ou à dos alunos de uma escola superior naval.

GUARDIÃO

Oficial marinheiro imediatamente inferior ao mestre a bordo dos navios de guerra e corsários.

GUINDA

Altura da mastreação e pano.

GURUPÉS

Mastros fixos que se projetam, quase na horizontal (obliquamente), para vante da proa de um navio. É bastante usual nos grandes veleiros, mas existe também em certas pequenas embarcações. A função do gurupé é servir de apoio para armar velas diversas.

IMEDIATO

Oficial de marinha que ocupa o lugar de 2º Comandante e a quem, além de outras atribuições, incumbe fiscalizar os interesses da Fazenda Nacional.

JOANETES

Velas que envergam nas vergas do joanete e designam-se, de vante para ré: joanete de proa, joanete grande e sobre-gata. Estas velas têm escotas e bolinas como as gáveas, mas não dispõem de talha do lais por serem desprovidas de forras de rizes. Os cabos de carregar são dois estingues e um ou mais brióis. Quando há só um briol, fixa-se com pé de galinha à esteira da vela.

LICOR ESPIRITUOSO

Bebida que contém álcool destilado, como a cachaça, o conhaque, o rum, o uísque, o gin, a tequila, os licores em geral.

LUGRE

Navio com três, quatro ou cinco mastros onde arma pano latino quadrangular. Tem mastaréus de gafetope, para as respectivas velas, e gurupés com o seu velame.

MAREAR

Orientar convenientemente as velas em relação ao vento, para que a embarcação navegue. As mareações podem ser: “bolina cerrada”, quando a proa vai muito cingida ao ven-

to, mas não mais que 6 quartas; “bolina folgada”, quando o vento sopra entre a amura e o través; “a um largo”, quando o vento está para ré do través; “à popa”, quando o vento sopra de ré, mais ou menos na direção da quilha. Ainda se diz que a embarcação navega “à popa arrasada” quando o vento sopra exatamente na direção da quilha. Neste último caso o traquete ficará à sombra da vela grande, sem ter efeito, mas isto pode ser evitado caçando as duas velas por bordos opostos, dizendo-se então que a embarcação vai a “dois ventos”.

MOJARRITAS OU MOJARRAS

Nome genérico atribuído a várias espécies de pequenos peixes bastante abundantes na bacia do rio da Prata. Possuem focinho pontiagudo e geralmente são de cor prateada, com tamanho médio de aproximadamente de 5 a 30 cm, dependendo da espécie.

NAVEGAR À BOLINA

Bolinar ou velejar de contra-vento é navegar com vento afastado o máximo 6 quartas da proa (+ ou - 45 graus). É uma técnica empregada por embarcações que consiste em ziguezaguear contra o vento, o que permite navegar por zonas onde o vento não é favorável.

NAVEGAR EM VELA

Arte de manobrar as velas de uma embarcação (de flutuação própria) em função do vento (conforme a sua direção e a sua intensidade) para que possa locomover-se em relação ao rumo que se pretende seguir, em operações que envolvem não somente o velame em si, mas também o(s) mastro(s), a quilha e o leme.

OBENQUES

Cabos grossos que prendem a extremidade mais alta de um mastro às laterais do navio ou ao cesto da gávea correspondente.

OCTANTE

Instrumento ótico cujo limbo graduado corresponde à oitava parte de um círculo (45°) e que permite medir ângulos, a altura dos astros e as distâncias angulares dos astros. Difere do sextante por não possuir luneta e por só permitir a medição de ângulos até 90°.

OFICIAIS DE MAR

Uma das duas categorias em que se dividiam as tripulações dos navios corsários. A outra era a dos marinheiros e soldados de tropa. Os Oficiais de Mar compreendiam os contramestres, os condestáveis, os guardiães, os mestres d'armas e os carpinteiros etc. Havia ainda uma categoria intermediária entre a oficialidade e o restante da tropa: os Guardas-Marinhas, os quais poderiam passar a ser oficiais com o tempo.

ORÇAR

Obrigar a proa a aproximar-se da linha do vento. O contrário de arribar.

PAILEBOTE

Pequena escuna sem velas superiores, muito rasa e fina, utilizada no mediterrâneo ocidental entre os séculos XIX e XX, cujo desenho lhe permite atingir boa velocidade e manobrabilidade. Devido a tais características foi empregado pelos pilotos dos portos ingleses no século XIX, daí o nome *pilot's boat* em língua inglesa. Porém, trata-se de um tipo de embarcação a vela que teve diversas utilizações, incluindo o emprego como navio mercante ou pesqueiro.

PAIOLEIRO

Profissional responsável por controlar a entrada e saída de produtos e materiais de um paiol da embarcação ou navio.

PAIRAR

Conservar o navio, estando velejado, o mais que for possível em uma posição determinada.

PARELHEIRO

Cavalo de boa raça, tratado para a disputa de corridas.

PATACÕES

Moedas de 960 réis que eram cunhadas sobre outras moedas, sendo portanto denominadas recunhos, predominantemente sob moedas de 8 Reales das colônias espanholas na América, porém são conhecidos exemplares recunhados sobre moedas napoleônicas, austríacas e americanas, além de moedas das recém criadas repúblicas latino-americanas.

PÉ

Unidade de medida de comprimento. Antigamente um pé correspondia a onze polegadas e meia. Atualmente, um pé corresponde a 12 polegadas e três pés são o equivalente a uma jarda. Esse sistema de medida é utilizado atualmente no Reino Unido, nos Estados Unidos e, com menor frequência, no Canadá. A medida é amplamente usada na aviação e atualmente equivale a 30,48 centímetros.

PESO FORTE

Nome genérico pelo qual era conhecido os 8 reales espanhóis, moeda muito utilizada na América e nas Filipinas até o início do século XIX. Foi também uma moeda de prata da República Argentina desde 1826 até a reforma monetária de 1881.

POLACA

Navio de mastros e mastaréus de gáveas inteiriços, mas sem os respectivos cestos. Chama-se também polaca a vela que enverga no contra estai do traquete ou de um estai especial em caso de mau tempo.

POPA

Parte posterior do navio oposta à proa.

PORTALÓS

Aberturas na borda ou trincheira de um e outro lado do navio para entrada e saída de bordo. A do lado de boreste é de uso exclusivo do Comandante, oficiais e pessoas impor-

tantes. O acesso aos portalós se dá por meio de escadas e cabos presos em balaústres ou olhais de bronze.

POSTOS DE COMBATE

Principal faina geral de um navio de guerra e visa assumir posições e ações pré-definidas com intuito de possibilitar o enfrentamento de algum sinistro ou o próprio combate.

PRESA

Embarcação ou qualquer outra propriedade inimiga capturada por um navio de guerra ou corsário.

PRESIGANGA

Navio que antigamente servia de prisão às praças da Armada ou para o qual eram recolhidos prisioneiros.

Proa é a parte de vante do navio limitada pela roda e formada pelos chapuzes dos escovéns, pelas colunas, corais e pela parte da borda que cobre estas peças nos navios de madeira. Nos navios de ferro é formada pela roda e chapas do costado que nela se fixam.

PRUMO

Cabo preso a um peso de chumbo, que se usa para medir a profundidade da água ou para determinar a natureza do fundo sobre o qual se encontra uma embarcação; sonda.

QUILHA

Longa peça de madeira ou ferro que serve de base à embarcação e onde se assenta o esqueleto. A quilha é geralmente composta de diversas peças chamadas talões, os quais são reunidos uns aos outros por meios das escarvas.

RIZES

Gaxetes ou pedaços de cabos finos que são enfiados nos ilhoses das forras para amarrá-los às vergas a fim de diminuir a superfície do pano em ocasião de vento fresco.

RODA DE POPA

Continuação da quilha na popa.

SERVIOLA

Turco volante que, na ocasião em que se coloca a âncora em seu lugar, serve para içar as unhas sem que estas rocem pelo costado.

SOBRES

Velas que envergam nas vergas de sobre, designando-se por sobre de proa, sobre grande e sobregatinha. Por cima das sobres pode ainda haver, embora muito raramente, velas que se denominam sobrinhos, envergadas em vergas que recebem o mesmo nome. Os cabos de laborar resumem-se às escotas e aos estingues.

SOTAVENTO

Lado para onde vai o vento. Bordo contrário àquele de onde sopra o vento. Na manobra de virar de querena, era o lado do navio para onde ele se inclinava, deixando o fundo

descoberto no outro bordo. Na linguagem dos poveiros é a face posterior da vela.

SUBTENENTE

Na hierarquia militar das Províncias Unidas do Rio da Prata esse era um posto que se posicionava imediatamente acima dos Aspirantes a Oficial, incluindo também os Guardas-Marinhas. No pessoal naval, abaixo dos Subtenentes e dos Guardas-Marinhas estavam os Contadores, Cirurgiões, Cirurgiões auxiliares, Oficiais Aventureiros, Pilotos e Pilotins. Acima estavam os Tenentes, Capitães, Sargentos-Maiores, Tenentes-Coronéis, Coronéis, Coronéis-Maiores e Brigadeiros. Atualmente, nas Forças Armadas, nas Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares do Brasil, subtenente é a mais alta graduação das praças, imediatamente acima dos sargentos e abaixo dos oficiais. Na Marinha do Brasil e na Força Aérea Brasileira, esta graduação é chamada de Suboficial.

SUMACA

Navio de vela semelhante ao patacho e que apenas difere dele em ter um só mastaréu no mastro do traquete que não tem cesto de gávea, nem curvatões, nem vaus. Para assentarem as encapeladuras do mastro real, este, na sua junção com o mastaréu, tem um rebaixo. Foi muito usado na costa norte do Brasil.

SUSPENDER

Levantar âncora, tirá-la do fundo das águas; içá-la, para o navio poder mover-se ou navegar.

TIMONEIRO

Aquele que governa o timão das embarcações, o marinheiro que manobra o leme.

TINAS

Vasilhas que a bordo servem como depósitos da água destinada à baldeação e lavagem de roupa e que por ocasião de combate guarnecem as baterias para uso em caso de incêndio, assim como para lavagem das lanadas.

TODO O PANO

Utilizar todas as velas de que dispõe um veleiro, visando obter o máximo de força e velocidade. A expressão já era popular no século XVI, pelo menos.

TOPE

Extremidade superior da mastreação onde se encapelam as borlas e se fixam as flechas dos para-raios.

TOQUES DE APITO

São usados para ordenar os principais eventos da rotina de bordo. Emprega-se, para isso, um apito especial: o apito do marinheiro. O apito serve, também, para chamadas de quem exerce funções específicas ou para alguns eventos que envolvam pequena parte da tripulação. Ele tem sido, ao longo dos tempos, uma das peças mais características do equipamento de uso pessoal da gente de bordo. Os gregos e os romanos já o usavam para fazer a marcação do ritmo dos movimentos de remo nas galés.

TRAQUETE

Mastro que fica mais à vante em um navio veleiro (excluído o gurupés), localizado entre a caverna-mestra e a roda de proa. Pode ser também a denominação da verga inferior desse mastro ou a vela que pende dessa verga, que é a de maior dimensão do mastro de vante.

TRAQUETE REDONDO

Vela de papafigos que enverga na verga do traquete.

TRIPULAÇÃO

Conjunto dos marinheiros embarcados para guarnecer um navio.

VELACHO

Vela do mastro de proa (traquete), imediatamente superior à do traquete.

VELAME

Termo genérico com que se designam todas as velas do navio. Esse conjunto também pode ser chamado de pano.

VELAS DE ESTAI

Situada à proa (em frente ao mastro vertical mais à vante), frequentemente esta vela é designada apenas por estai devendo o seu nome aos cabos que se estendem longitudinalmente à embarcação para fixar o(s) mastro(s). Alternativamente, no mesmo local da vela de estai, pode ser colocada a genoa. Sendo em tudo semelhantes à vela de estai, diferindo apenas por sua maior dimensão.

VELAS DO TRAQUETE

As que são envergadas no mastro de mesmo nome. São elas o traquete, o velacho, o joanete de proa e o sobre de proa.

VELA LATINA

Vela triangular que surgiu por volta de 200 a.C. na região do mar Mediterrâneo e cuja vantagem consiste no fato de um navio poder bolinar, navegar contra o vento. As velas latinas, que geralmente são triangulares, têm uma das suas faces adjacentes a um mastro.

VELA QUADRADA

Também designada como “vela redonda”, é o tipo de vela mais antigo da Europa. Foi utilizadas do Báltico ao Mediterrâneo nos navios mercantes e militares, mas não podiam navegar a mais de 600 em relação à direção do vento. Foram sendo substituídas pelas Vela latinas por permitir navegar próximo da linha do vento. Apesar disso, o emprego da vela quadrada perdurou no Atlântico para muito além da Idade Média.

VENTO FRESCO

Detém a quinta posição na escala de vento Beaufort, a qual possui doze medidas de intensidade. Sua velocidade varia entre 16 e 20 nós (29-38km/h) e com ele o mar tende a apresentar ondas moderadas e muita quebra de ondas e cris-

tas brancas. Na citada escala é antecedido, em ordem de força, pelos ventos calmos, brandos, brisas leves, ventos fracos e ventos moderados. Na mesma escala é sucedido, também em ordem de força, pela briza forte, o vento forte, vento muito forte, temporal, temporal desfeito, tufão e furação.

VERGAS

Longas peças de madeira de forma cilíndrico-cônica que se colocam nos mastros e mastaréus para neles se fixarem as velas. As vergas são divididas em três partes: terço, cunhos e lais. As vergas ganham diversas denominações conforme os mastros ou mastaréus em que se encontram, salvo a do mastro da gata, que se chama verga seca, por não ser destinada a receber pano. No mastro do traquete há a verga do traquete, do velacho, de joanete de proa e de sobre. No mastro grande há verga grande, gávea, joanete grande e de sobre. No da gata há a sobregata e a sobregatinha. Além

dessas, há a verga da cevadeira, a qual se acha no gurupés, bem como as suplementares dos cutelos e varredouras.

VIRAR POR DAVANTE

Manobrar para mudar de amura passando com a proa pela linha do vento. A sequência de manobras ocorre com o comando do timoneiro de “virar por davante”, quando de forma firme, mas não brusca, ele aciona o leme na posição desejada e no momento em que a vela de estai começa a bater, devem-se folgar as escotas do velame. Então, pela ação do vento a vela grande passa pelo eixo da embarcação e leva consigo a retranca (em um movimento que pode machucar algum marinheiro desprevenido). Com as velas no outro bordo, começa-se a caçar as escotas para afinar nessa amura. Esta é uma das passagens de um bordo ao outro. A outra manobra, bem mais delicada do que esta, é a de virar em roda. ⚓



Um diário abandonado, uma história verídica. Descubra as Memórias de Antonio Somellera, um jovem de quinze anos que se tornou corsário na Guerra da Cisplatina. Uma jornada emocionante entre honra e cobiça, de quem forçou-se a amadurecer durante um dos conflitos mais emblemáticos da América do Sul.

Acesse o QR Code ou o site abaixo e conheça a editora.



FRONT
EDITORIAL

www.fronteditorial.com